

(Dis)posições: gênero, desejo, práticas sexuais e marcadores de diferença entre homens que frequentam clubes de sexo¹

Camilo Albuquerque de Braz

Doutorando em Ciências Sociais (IFCH/UNICAMP)

Resumo

Neste artigo, parto de dados de campo e da análise de entrevistas da etnografia que venho fazendo em alguns clubes de sexo para homens, na cidade de São Paulo. A proposta aqui é pensar no modo como diferentes marcadores de diferença operam nesses locais, de maneira interseccional, para constituir seus corpos desejáveis e sujeitos inteligíveis. Proponho ainda uma reflexão sobre as escolhas eróticas e práticas sexuais aqui referidas, o que requer o questionamento da idéia de erotismo tal qual expresso enquanto conceito por teóricos/as como Georges Bataille. Nessa tradição, o gênero aparece fixo e cristalizado, ligado ao dimorfismo sexual e à associação entre sexo/gênero e posições sexuais. O corpo “violado”, passivo e penetrado, é “feminino” – oposto ao “masculino”, “violador”, ativo e que penetra. Tal concepção substancializa o erótico dentro da matriz heterossexual, impossibilitando que se possa pensá-lo para além ou fora dos limites das normatividades heterossexuais. À luz de algumas idéias pós-estruturalistas em gênero e sexualidade, questiono se não seria necessário desconstruir o erótico pensado nesses termos, a fim de interpretar antropologicamente as práticas e falas aqui analisadas enquanto potencialmente transgressivas.

Palavras-chave:

Homossexualidade – Erotismo – Marcadores de Diferença

¹Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

1.

Em minha pesquisa de Doutorado, investigo clubes de sexo para homens na cidade de São Paulo. O propósito da escolha deste objeto está relacionado ao meu interesse em, por um lado, discutir e trazer elementos empíricos para a reflexão e os debates sócio-antropológicos atuais sobre temas relacionados às sexualidades e erotismos “não-heterossexuais”, bem como às sociabilidades que envolvem e suas convenções. Por outro lado, pretendo com esta pesquisa contribuir para suprir as lacunas derivadas da relativa escassez de estudos realizados no Brasil sobre prazer sexual, erotismo e desejo sexual, envolvendo formas diversas de expressão da sexualidade², dialogando com a linha de estudos iniciada nos últimos anos por minha orientadora, a professora Maria Filomena Gregori, que em suas pesquisas comparativas tem aprofundado o conhecimento na área de Antropologia e Estudos de Gênero sobre as novas formas do erotismo contemporâneo e discutido suas implicações e articulações sobre a violência interpessoal e de gênero (Gregori, 2003; 2004; 2007).

De maneira geral, meu interesse é entender como marcadores de diferença diversos (tais como de gênero, classe, raça/cor, idade e estilo) estão implicados na produção discursiva das subjetividades e na materialização dos corpos entre os frequentadores desses clubes. Facchini (2006) aponta a rentabilidade das idéias de Avtar Brah (2006) para se pensar em identidades como marcadas por posicionalidades de sujeito, em constante transformação, não podendo ser caracterizadas como fixas ou singulares. Nesse sentido,

“a identidade pode ser entendida como o próprio processo pelo qual a multiplicidade, contradição e instabilidade da subjetividade é significada como tendo coerência, continuidade, estabilidade; como tendo um núcleo – um núcleo em constante mudança, mas de qualquer maneira um núcleo – que a qualquer momento é enunciado como o “eu” (Brah, 2006: p. 371).

Concordando com boa parte do pensamento de inspiração antropológico-feminista contemporâneo, que toma a diferença como categoria analítica (Moore, 1996)

²Num panorama das pesquisas brasileiras em Ciências Sociais relativas a sexualidades e direitos sexuais no período de 1990 a 2002, publicado pelo Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM), aponta-se uma ausência relativa de estudos sobre o erotismo, o prazer e o desejo sexual masculino e feminino, em comparação a um grande número de publicações em outras áreas, tais como sexualidade e juventude, sexualidades em tempos de AIDS ou prostituição (Citeli, 2005). Sobre a problemática dos direitos e políticas sexuais no Brasil, ver também Vianna e Lacerda (2004).

e aponta a necessidade de pensar a intersecção de diversos marcadores na produção contextual e relacional das subjetividades, acredito que um olhar relacional e interseccional é fundamental neste estudo.³

A “hiper-valorização da masculinidade” e a produção do “macho” como sujeito e objeto de desejo parecem ser elementos implicados nos processos de materialização dos corpos e de produção de subjetividades em muitos dos contextos de circulação de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens, no Brasil contemporâneo (ver, por exemplo, Sívorí, 2006).⁴ Tais convenções aparecem bastante difundidas, e diversamente marcadas, por exemplo, em locais comerciais para encontros sexuais (LCES) entre homens, como os que investigo há dois anos na cidade de São Paulo (ver, Braz, 2007A; 2007B; 2007C. Ver também Santos, 2007).

Por mais questionável que seja do ponto de vista das hierarquias que coloca, a criação discursiva do “macho” como objeto de desejo entre esses homens pode ser lida como rearticulação ou deslocamento de convenções relativas a sexo, gênero, desejo e práticas sexuais que comporiam a matriz heteronormativa culturalmente disseminada a partir da qual os sujeitos ganham inteligibilidade, ou seja, “vêm a ser” (Butler, 2003). Por outro lado, a valorização da masculinidade implicaria na criação de novos modos de hierarquização e de inteligibilidade, que não podem ser menosprezados. Se o processo de construção da subjetividade tem a ver com as relações entre sexo, gênero, desejo e prática sexual (Butler, 2003), então quero saber como se dá a combinação de tais marcadores no contexto dos clubes de sexo. E se é na repetição estilizada de práticas corporais que tais inscrições se materializam (Butler, 2002), passei a me indagar a partir de quais marcadores os corpos dos sujeitos desses clubes são discursivamente materializados, seja enquanto desejáveis, seja enquanto abjetos⁵.

Neste trabalho procuro sistematizar algumas das reflexões já realizadas a partir da minha investigação. Num primeiro momento, busco localizar os clubes de sexo nos diversos “circuitos GLS” da cidade, ao lado de outros espaços comerciais para encontros sexuais entre homens.

³Seguindo a proposta pós-estruturalista em gênero e sexualidade, definida (entre outros/as) por Judith Butler, o meu interesse é estudar a produção discursiva da subjetividade e a materialização dos corpos nos clubes de sexo entre homens.

⁴Ver também artigo publicado por Sérgio Carrara na Folha de São Paulo (Carrara, 2005).

⁵É importante lembrar que Judith Butler se inspira na leitura de Kristeva (1982) das idéias de Mary Douglas para a constituição da idéia de abjeção. Em seu esquema argumentativo, os corpos que “não são” tornam-se importantes para se entender as normas que constituem as subjetividades possíveis ou inteligíveis (os corpos que “são”).

2.

A região do centro de São Paulo, sobretudo nas proximidades do Vale do Anhangabaú e da Praça da República, constitui um local historicamente freqüentado por homens que mantêm relações afetivo-sexuais com outros homens (Green e Trindade, 2005). MacRae inclui nessa lista o entorno da avenida Ipiranga (MacRae, 2005), enquanto França e Simões lembram da famosa avenida Vieira de Carvalho (França e Simões, 2005). De acordo com essa produção, antes da criação de um mercado comercial voltado para esse público em meados dos anos 60, as trocas homossexuais se davam em bailes carnavalescos, pela prática do *footing* em parques, praças, bem como pelas “caçadas” em banheiros públicos, cafés e restaurantes, que abarcavam a sociabilidade dos homens que buscavam outros homens, embora aqueles de camadas sociais mais elevadas preferissem festas particulares e jantares em casas e apartamentos de amigos. É na década de 1960 que são abertas em São Paulo algumas boates declaradamente destinadas a um cliente “homossexual” de classe média, “que procurava locais de encontro onde houvesse maior segurança contra ataques policiais ou de bandidos” (MacRae, 2005: p. 292). O número de estabelecimentos, tais como saunas e boates, cresce nas décadas seguintes. Depois da abertura política, aumenta o número de estabelecimentos do chamado “mercado gay”. A palavra “gay” para se referir a esse público é “importada” nos anos 80. Segundo MacRae, “a origem anglo-saxônica empresta-lhe um *glamour* de coisa de país desenvolvido”. O autor nomeia tal movimento como o de formação de um “gueto homossexual” no centro de São Paulo, enfatizando sua dimensão política e cultural, no sentido de ocupação de um “espaço público” por parte de sujeitos marginalizados. França e Simões nos lembram que o caso paradigmático para se pensar num gueto homossexual é a cidade de São Francisco, nos Estados Unidos. Lá ele constituiria um território delimitado por uma forma específica de ocupação e utilização, sendo inclusive local de moradia desse público. Em São Paulo, esse processo teria mais a ver com os deslocamentos dos sujeitos por lugares em que se exercem atividades relacionadas à orientação e à prática homossexual (França e Simões, 2005). A referência aqui é o trabalho de Perlongher (1987), que critica a transposição mecânica da noção de “gueto gay” (que implicaria na universalização da política de identidade gay) para São Paulo, preferindo em seu lugar uma caracterização sócio-antropológica das territorialidades homossexuais na cidade (ver também Perlongher, 2005). Usando categorias propostas por Magnani, como “manchas” e “circuitos”, que procuram dar conta da lógica de implantação e utilização de

aglomerados de estabelecimentos e serviços na paisagem urbana, em diálogo com concepções renovadas de territorialidades itinerantes e flexíveis (Magnani e Torres, 2000), pode-se afirmar que, na São Paulo contemporânea, haja diferentes circuitos para essa população, diferenciados pelas regiões da cidade. Seus sujeitos seriam agrupáveis não só pela orientação sexual, mas por sexo, poder de consumo, “estilo”, pelo modo a partir do qual expressam suas preferências sexuais etc. França aponta para a crescente importância do mercado na promoção e difusão de imagens, estilos corporais, hábitos e atitudes associados à política de identidades e às emergentes culturas identitárias homossexuais na atualidade (França, 2007). Os “guetos” se expandem, chegando até à realidade virtual. É nesse contexto que surgiu a categoria GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), propagado a partir do Festival MixBrasil de 1994, que incluía uma página de *internet* e um festival de cinema “alternativo”, voltados para esse público emergente (ver França, 2006). Esse movimento contribuiu para a diluição das fronteiras do que se poderia antes chamar de “guetos”, embora, sua ênfase mercantil tenha levado a outros processos de diferenciação por parte de outros grupos, tais como os de militância, que ao invés da sigla GLS, passam a se denominar de outras formas.⁶ Para Carrara e Simões, a sigla que vinha sendo utilizada recentemente para nomear o movimento GLBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais) entrou em diálogo crítico com a GLS, advinda do mercado segmentado, “que reelaborava a ambigüidade classificatória para ampliar o potencial de inclusão” (Carrara e Simões, 2007: 93).⁷

Dentro do mercado do sexo⁸ em São Paulo, há um vasto e diversificado

⁶Para França, GLS passou desde então a ser associada a um estilo “moderno e descolado”, caracterizando um público de alto poder aquisitivo e capital simbólico distintivo: “*Quando surgiu, o termo GLS foi rapidamente associado a um público “moderno”, interessado por arte, música, conectado à última moda e frequentador da noite*” (França, 2007: 236). Se no início os autores da sigla pretendiam uma diferenciação entre estabelecimentos “GLS” e “gays”, o fato é que a sigla GLS popularizou-se a tal ponto que hoje em dia é bastante comum que se utilizem os dois termos como sinônimos para se referir a esse mercado (França, 2007).

⁷Tal diálogo crítico se dá também, para os autores, em relação à denominação HSH (homens que fazem sexo com homens), que surgiu nas políticas de saúde e que, do seu ponto de vista buscava equivocadamente “contornar o problema da falta de coincidência entre comportamentos e identidades sexuais” (Carrara e Simões, 2007: 93). Para os autores, “um problema com a categoria HSH é dissolver a questão da não-correspondência entre desejos, práticas e identidades numa formulação que recria a categoria universal “homem” com base na suposta estabilidade fundante do sexo biológico, ao mesmo tempo em que permite evocar as bem conhecidas representações da sexualidade masculina como inerentemente desregrada e perturbadora” (Carrara e Simões, 2007: 94, nota 35).

⁸Por “mercado do sexo”, sigo as idéias de Agustín, para quem “Este término incluye burdeles o casas de citas, clubes de alterne, ciertos bares, cervecerías, discotecas, cabarets y salones de cóctel, líneas telefónicas eróticas, sexo virtual por Internet, sex shops con cabinas privadas, muchas casas de masaje, de relax, del desarrollo del ‘bienestar físico’ y de sauna, servicios de acompañantes (*call girls*), unas agencias matrimoniales, muchos hoteles, pensiones y pisos, anuncios comerciales y semi-comerciales en periódicos y revistas y en formas pequeñas para pegar o dejar (como tarjetas), cines y revistas

segmento voltado para pessoas que buscam relacionar-se com outras do mesmo “sexo”, incluindo aí as que se definem como homens buscando outros homens. Muitas boates e bares paulistanos contam com um espaço específico para sexo (os chamados *dark-rooms*). Há também muitas saunas para homens, bem como bares que contam com cabines para o sexo, além dos cinemas-pornôs e das cabines onde se paga para assistir filmes pornográficos, espalhados pelo centro da cidade.

Para Villaamil e Rubio (2006), os clubes de sexo são um fenômeno assumidamente transnacional, com referentes homólogos nas “cenas” gays norte-americanas e européias. O interessante é que essa pesquisa vem demonstrando como se dá seu surgimento também no Brasil. Os chamados clubes de sexo para homens apareceram recentemente em São Paulo, inspirados em locais similares existentes nos EUA e em alguns países da Europa, buscando se diferenciar dos espaços que já existiam na cidade com a finalidade de propiciar trocas eróticas entre homens, como as saunas. O primeiro local comercial para sexo entre homens que se diferenciava do “modelo” adotado pelas saunas foi o Station, um *cruising-bar* que abriu suas portas em 1998, em Pinheiros. Lá não há toalhas enroladas na cintura - os clientes circulam vestidos. O local tem uma estética propositalmente *underground*, evocando uma espécie *bunker* estilizado, com desenhos de inspiração “militar” nas paredes do bar, no andar de baixo. O sexo é praticado tanto no *dark-room* do térreo quanto nas numerosas cabines e *glory holes* espalhadas no andar superior. É lugar-comum entre os proprietários dos clubes de sexo a afirmação de que o Station abriu o terreno para o surgimento deles na cidade.⁹ O primeiro foi o Blackout, inaugurado em meados dos anos 2000, na rua Amaral Gurgel, no centro da cidade. De acordo com os colaboradores de pesquisa com quem dialoguei, que o freqüentavam naquele período, o clube surgiu para abarcar um público interessado em fazer sexo com “um algo a mais”. Além da possibilidade do sexo casual (que já havia nas saunas e cinemas pornôs, por exemplo), o local tinha para muitos uma aura “fetichista” ou “*hardcore*”, propiciada pelo investimento em acessórios tais como

pornográficos, películas y videos en alquiler, restaurantes eróticos, servicios de dominación o sumisión (sodomismo) y prostitución callejera: una proliferación inmensa de posibles maneras de pagar una experiencia sexual o sensual” (Augustín, 2000).

⁹Outro local bastante citado é a SoGo, uma boate inaugurada entre o surgimento do Station e dos clubes de sexo, nos Jardins. De acordo com seu idealizador, com quem pude conversar, a boate era o chamariz para a tentativa de criar um bar *leather*, no último andar, cujo acesso se dava tanto pela pista quanto pela rua, sem precisar entrar na boate. Ele relatou o caráter de vanguarda dessa idéia, que teria sido inspirada em clubes europeus, bem como sobre os problemas enfrentados a partir do estranhamento de um público que não entendia direito qual era a proposta do espaço. A boate ainda existe, sob nova direção, e o *dungeon* hoje funciona nos moldes do Station – como um espaço estilizado para sexo em cabines.

correntes, camas coletivas, *slings* (uma espécie de cadeira suspensa, feita de couro, utilizada para a prática sexual anal penetrativa, seja pelo pênis, seja pelo punho ou por vibradores) e outros equipamentos “sodomasoquistas” (s/m)¹⁰. Tudo isso em meio à pouca iluminação e à presença de um público diverso e interessado em sexo em várias nuances, especialmente o sexo grupal (que, diferentemente do praticado nas saunas, é realizado nos clubes “em público”, na frente de quem estiver presente, e não em cabines privativas), incluindo alguns poucos adeptos do bdsm ou do *leather*.¹¹ Esse clube fechou cerca de dois anos depois de aberto e reabriu em outro espaço, no Largo do Arouche, mantendo o nome, os equipamentos, os acessórios e o título de “primeiro *sex club* do Brasil”, como se pode observar tanto no *site* dele na *internet* como pelos *flyers* que divulgam sua programação. No local onde ele funcionava, abriu há um ano e nove meses outro clube, o No Escuro. Trata-se de um local pequeno, pouco iluminado, onde se pode perceber uma tentativa de criação de um espaço fetichista inspirado nas fantasias de “trabalhadores”. Espalham-se pelos ambientes equipamentos e acessórios típicos de oficinas mecânicas – calotas nas paredes, cones de trânsito e ferramentas diversas, como martelos, parafusos e chaves de fenda. Na área escura dos fundos do clube, que os frequentadores apelidaram de “fundão”, uma escada mantém uma algema, onde se pode amarrar e ser amarrado, em meio a camas coletivas. Esses dois locais estão no centro de São Paulo, no “circuito popular” dos locais para sexo entre homens, que inclui também os famosos cinemas pornôns, boates e algumas saunas. Fora dali, em direção aos bairros de “classe média-alta” (onde Simões e França localizam circuitos compostos por um público “moderno”, sintonizado com padrões globalizados associados à homossexualidade, além de boates e saunas – mas não “cinemões”) ficam, além do já citado Station, os outros dois clubes onde fiz a pesquisa de campo. O Gladiators, surgido há pouco mais de 3 anos, fica na região do Shopping Frei Caneca, na Consolação. Logo na entrada, na sala onde ficam os armários, estátuas gregas pairam

¹⁰S/m é uma abreviação para “sado-masquismo”. Essa sigla aparece em parte da bibliografia como designando jogos eróticos inspirados em fantasias de dominação e submissão (a esse respeito, ver Gregori, 2004. Ver também Macclintock, 1994; 2003).

¹¹Segundo Zilli, na sigla BDSM o B designa o Bondage (Imobilização), sendo o par B & D para Bondage e Disciplina. O par D & S para Dominação e Submissão, e o par S & M para Sadismo e Masoquismo, ou Sadomasoquismo (Zilli, 2006). O BDSM envolveria ainda práticas ligadas ao Fetichismo. Já *Leather* é a categoria utilizada entre aqueles que têm excitação pelo couro e, eventualmente, por práticas ligadas ao BDSM. O *leather* parece ter surgido na cena s/m de grande metrópoles norte-americanas no final dos anos 60. Para Gayle Rubin (Butler e Rubin, 2003), o couro seria um símbolo polivalente que teria sentidos diferentes para diferentes indivíduos e grupos – o desenvolvimento da comunidade “*leather*”, segundo ela, é parte de um longo processo histórico no qual a masculinidade teria sido reivindicada, afirmada e reapropriada pelos homossexuais homens, nos EUA. A respeito dessa investigação, ver Piscitelli (2003) e também Rubin (1991).

ao lado de mesas com revistas pornômas masculinas. Passando pelo bar, no salão principal, onde a luz é azulada, há sofás e camas coletivas. Uma porta dá acesso a um ambiente menor, mais escuro, onde há *slings*, uma cadeira ginecológica e uma maca de sanatório, estrategicamente localizada embaixo de uma luminária de luz fraca e amarelada, com tiras onde se pode amarrar e ser amarrado. Numa outra sala ao fundo do saguão principal, uma cadeira de dentista cercada por uma área com *glory holes* complementa a aura fetichista que evoca “prazer e perigo”. Já o RG surgiu como um clube privado, não aberto ao público em geral. Abriu pouco tempo depois do Blackout em Higienópolis e para participar de suas festas era necessário obter a aprovação num cadastro *on line*, na página do clube na *internet*. Atualmente, o clube funciona na Vila Mariana. É o único clube onde se deve, obrigatoriamente, concordar em não vestir nenhuma peça de roupa, além dos calçados. Pode-se também optar pelo “*bottomless*” (sem a “parte de baixo” da roupa). Isso faz jus ao *slogan* do local, anunciado em sua página como o “1º bar naturista indoors”.¹²

É possível, portanto, localizar os clubes que investigo dentro dos diferentes circuitos que compõem o vasto “mercado GLS” paulistano. Tenho em mente que as fronteiras entre eles são muitas vezes fluidas, permitindo a circulação de símbolos, estilos e pessoas (França e Simões, 2005). Contudo, elas permanecem construindo os sentidos e permeando a experiência de quem circula por tais circuitos, promovendo inclusive a criação de uma série de diferenciações simbólicas entre os clubes que pesquiso e seu público, como se verá a seguir.

A partir daqui, trarei dados de campo etnográfico, mesclados à análise de algumas das entrevistas realizadas junto a frequentadores desses clubes, a fim de pensar no modo como diferentes marcadores de diferença operam nesses locais, de maneira interseccional, para constituir seus corpos desejáveis e sujeitos inteligíveis. Proponho, ao final, uma reflexão inicial sobre as escolhas eróticas e práticas sexuais por eles referidas, o que do meu ponto de vista requer o questionamento de uma idéia de erotismo em que o gênero apareça fixo e cristalizado, ligado ao dimorfismo sexual e à associação entre sexo/gênero e posições sexuais.

¹²Esse é um diferencial em relação aos outros clubes, onde é permitido ficar de cueca. No RG, isso só é possível na “Festa da Cueca”, que ocorre periodicamente.

3.

Assim que iniciei minhas primeiras incursões de campo (que inicialmente incluíram também alguns cinemas pornô e uma sauna e, posteriormente, focaram apenas nos clubes de sexo), passei a freqüentar também páginas da *internet* relacionadas a esses locais e suas práticas, incluindo desde *sites* de busca de parceiros afetivo-sexuais, até comunidades do Orkut¹³. Criei perfis nessas páginas sob o pseudônimo de “Antropólogo Unicamp”. Nos perfis, explicava qual o tema da pesquisa, disponibilizava o endereço eletrônico de meu *curriculum* cadastrado na plataforma *lattes*, e deixava um email para contato e um endereço de MSN¹⁴ que criei especialmente para a pesquisa. Especifiquei que procurava colaboradores maiores de 18 anos, e que meu únicos critérios eram que eles já tivessem freqüentado locais comerciais para encontros sexuais (LCES) entre homens na cidade de São Paulo ao menos uma vez, especialmente clubes de sexo, e que estivessem dispostos a compartilhar comigo suas experiências nesses locais em conversas via MSN. Acionei também uma rede de amigos/as, colegas e conhecidos/as que, de alguma maneira, pudessem me apresentar possíveis colaboradores de pesquisa. Apesar da grande quantidade de pessoas que me adicionavam e que depois revelavam não ter ido a nenhum desses LCES, ao longo dos dois últimos dois anos entrevistei 29 homens via MSN, sendo que com alguns deles mantive contato por quase todo esse período. Alguns deles nunca foram a clubes de sexo propriamente, mas trouxeram colaborações muito ricas a respeito de outros locais. Realizei também 13 entrevistas gravadas com freqüentadores de clubes de sexo. Um delas, também via MSN, utilizando microfone, e outras 12 “presenciais”. Seis delas foram feitas com colaboradores com quem já havia conversado via MSN (nesse caso, apenas com aqueles que já tivessem freqüentado clubes de sexo) e que aceitaram ser entrevistados dessa forma. As demais foram realizadas tanto com pessoas que conheci em campo, quanto com algumas que me foram indicadas por outros entrevistados ou por amigos/as meus/minhas. Além disso, entrevistei com gravador os empresários e/ou gerentes dos clubes. Neste artigo, vou trabalhar apenas com os entrevistados via MSN,

¹³Rede virtual para contatos eletrônicos que se transformou em “febre” no Brasil. Uma instigante pesquisa acerca das identidades e sexualidades no Orkut vem sendo feita por Carolina Parreiras (ver Parreiras, 2007).

¹⁴Pelúcio, que também utilizou o MSN para realizar entrevistas em sua tese a respeito do modelo oficial preventivo para DST/aids voltado às travestis que se prostituem na cidade de São Paulo, o define como “um programa de *instant messaging*, isto é, conversa em tempo real, por meio do qual o usuário, depois de baixar o programa e abrir um e-mail, pode anexar outros usuários que também tenham o serviço e conversar com eles” (Pelúcio, 2007: p. 28).

cuja caracterização sócio-demográfica, bem como frequência em LCES, pode ser observada nas tabelas abaixo. Os nomes dos colaboradores foram inventados. Trago aqui as informações e categorias da maneira como foram espontaneamente respondidas por eles¹⁵.

NOME	IDADE	ONDE MORA	RAÇA/COR	ORIENTAÇÃO/OPÇÃO SEXUAL	SITUAÇÃO CONJUGAL
Cléber	39	Interior de SP	Moreno	Homo	Solteiro
Lúcio	23	Campinas-SP	Mestiço	Viado	Solteiro
Nestor	55	São Paulo (Consolação)	Branco	Homossexual	Casado com homem
Danilo*	32	São Paulo (Aclimação)	Branco	Homossexual gay	Namorando homem
Aloisio*	48	São Paulo (Z.Oeste/av. Paulista)	Branco caucasiano	Homossexual	Casado com homem
Evandro	27	São Paulo (Z. Leste/vila Matilde)	Branco	Bissexual	Solteiro
Junior	20	São Paulo (Santa Cecília)	Moreno	Homossexual	Solteiro
Carlos	34	São Paulo (Pinheiros)	Branco	Gay	Namorando homem
Jonas	32	São Paulo (Pompéia)	Afro bege	Homossexual	Solteiro
José	25	São Paulo (Itaquera)	Moreno	Bissexual	Solteiro
Rafael	39	Interior de SP	Branca	Urso/Bear	Solteiro
Pedro	32	Grande São Paulo	Branco	Homossexual	Solteiro
Humberto	38	Itália (fazendo estágio)	Moreno claro	Bissexual	Solteiro
Fernando*	22	São Paulo (Z. Sul)	Branco	Bissexual	Solteiro
Adriano	28	Interior de SP	Branco	Bissexual	Solteiro
Diego*	24	São Paulo (Santa Cecília)	Moreno	Homossexual	Solteiro
Tomás	27	São Paulo (Z. Leste)	Branco	Homossexual	Namorando homem
Maurício	28	Campinas-SP	Branco	Bissexual	Solteiro
Tom*	41	São Paulo/Rio de Janeiro	Branco caucasiano	Gay	Solteiro
Régis	25	São Paulo (Z. Oeste)	Branco	Homossexual	Solteiro
Antonio	18	Guarulhos-SP	Caucasiano e indígena	Homossexual	Ficando com homem
João	37	ABC-SP	Branco	Indefinido	Solteiro
Oswaldo	34	Guarulhos-SP	Filho de índio com cigana	Homossexual ativo e passivo	Solteiro
Vagner	28	Rio de Janeiro (Tijuca)	Branco	Homossexual masculino	Namorando homem
Plínio	29	Campinas-SP	Pardo	Gay	Solteiro
Lauro*	47	São Paulo (Consolação)	Branco	Gay	Solteiro
Ricardo	34	São Paulo (Z. Leste)	Branco	Bissexual	Casado com mulher
Vinícius	19	Interior de SP	Branco	Gay	Solteiro
Jorge	27	São Paulo (Bela Vista)	Mulato	Gay	Solteiro

NOME	ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO	LCES ATUALMENTE?	Já foi em clube de sexo?
Cléber	Médio incompleto	Autônomo	NÃO	NÃO

¹⁵Os colaboradores identificados com um * (asterisco) também foram entrevistados com gravador. Os espaços marcados com ? (interrogação) correspondem a informações não fornecidas pelos colaboradores. Os trechos das entrevistas aqui apresentados foram editados para facilitar a leitura, evitando os sinais gráficos, abreviações e erros de digitação próprios das conversas realizadas via MSN.

Lúcio	Pós-graduado	Estudante	SIM	SIM
Nestor	Pós-graduado	Funcionário Público	SIM	SIM
Danilo*	Superior	Médico	SIM	SIM
Aloisio*	Superior	Diretor de Arte	SIM	SIM
Evandro	Superior	Ad. Empresas	SIM	NÃO
Junior	Médio Técnico	Iluminação cenográfica	SIM	SIM
Carlos	Superior	Engenheiro	NÃO	SIM
Jonas	?	Artesão, dançarino, ator	SIM	NÃO
José	Médio	Ajudante de pedreiro	SIM	SIM
Rafael	Superior	Comunicação	SIM	SIM
Pedro	Superior	Professor	SIM	SIM
Humberto	Superior	Turismo	SIM	SIM
Fernando*	Médio	Estudante	SIM	SIM
Adriano	Médio Técnico	Téc. Computadores	SIM	NÃO
Diego*	Médio Técnico	Ator	SIM	SIM
Tomás	Superior	Professor	NÃO	NÃO
Maurício	Médio	Ator/cenógrafo	SIM	SIM
Tom*	Pós-graduado	Tradutor	SIM	SIM
Régis	Graduando	Estudante	SIM	SIM
Antonio	Médio	Estudante	SIM	SIM
João	Superior	Autônomo	SIM	SIM
Oswaldo	Médio	Profissional de beleza	SIM	SIM
Vagner	Superior	Consultor	SIM	SIM
Plínio	Superior incompleto	?	SIM	SIM
Lauro*	Pós-graduado	Pesquisador	SIM	SIM
Ricardo	Superior incompleto	Professor	SIM	SIM
Vinícius	Superior incompleto	Estudante	SIM	NÃO
Jorge	Superior incompleto	Comunicação	SIM	SIM

A lista de entrevistados é bastante heterogênea sob diversos aspectos. As idades variam entre 18 e 55 anos. Boa parte deles reside na cidade de São Paulo, embora dentre esses alguns morem em bairros de camadas médias a altas, como os Jardins, enquanto outros vivem na região central, ou em bairros da Zona Leste da capital. Alguns moram em cidades vizinhas a São Paulo, como Guarulhos, ou no ABC paulista. Outros residem no interior do Estado, em Campinas ou cidades menores. Um deles encontrava-se na Itália quando conversamos (realizando um estágio) e afirmou residir em Florianópolis-SC (já tendo morado em São Paulo). Outro divide seu tempo entre São Paulo e Rio de Janeiro, que é a cidade onde mora mais um entrevistado. Todos deles já foram ou costumam ir aos LCES de São Paulo. Catorze deles possui nível superior, quatro não completaram a faculdade e um é graduando. Nove dentre eles afirmaram possuir nível

médio, sendo que um o possui incompleto e três completaram cursos médios técnicos (um dos entrevistados não informou a escolaridade). Todos estavam ocupados em diversas áreas de atuação, alguns deles estudantes (um deles não respondeu). Com relação à raça/cor, dezoito colaboradores de pesquisa afirmaram-se “brancos” ou “brancos caucasianos”. Nenhum respondeu se considerar “negro”. Apenas um se disse “mulato” e outros cinco afirmaram-se “morenos” (um deles “moreno claro”). Outras categorias que surgiram foram “mestiço” (por conta de ter “pai negro” e “mãe branca”, nas palavras dele) e “pardo”. Além disso, alguns deles responderam categorias diferentes, como “afro-bege”, “filho de índio com cigana” e “caucasiano e indígena”. No que diz respeito à orientação ou opção sexual¹⁶, as categorias pelas quais eles se auto-referiram também são bastante diversas. Doze deles se afirmaram “homossexuais” (um deles se disse “homossexual masculino”, outro “homossexual ativo e passivo” e um apenas “homo”), enquanto outros seis se disseram gays. Um entrevistado se afirmou “homossexual gay”. Sete entrevistados se disseram “bissexuais”. Um deles se disse “viado” e outro “indefinido”. Curiosamente, um dos entrevistados quando perguntado a respeito da orientação ou opção sexual se afirmou “urso ou *bear*”, categoria que remete tradicionalmente a um dos variados estilos dentro dos circuitos GLS paulistanos (ver França, 2007).¹⁷ Vinte e um entrevistados se disseram solteiros no momento da entrevista. Cinco deles afirmaram estar namorando ou “ficando” com outros homens. Três se disseram casados – dois com outros homens (um deles há cinco e outro há 28 anos) e um deles com mulher (há 12 anos, tendo 2 filhos). Apenas três entrevistados afirmaram não freqüentar LCES no momento, já o tendo feito no passado. Seis disseram nunca ter ido a um dos clubes de sexo, tendo freqüentado outros locais, como saunas, cinemas pornôns ou *dark-rooms* em boates.

Comecei a conversar com os primeiros colaboradores de pesquisa via MSN ao mesmo tempo em que iniciava a pesquisa de campo, indo aos LCES pela primeira vez.¹⁸ Assim, as primeiras conversas foram menos sistematizadas do que as últimas, realizadas ao final da pesquisa etnográfica, quando meu objeto já estava delimitado e a observação

¹⁶Preferi perguntar para eles o que eles se consideravam com relação à orientação ou opção sexual, tentando evitar a imputação seja da “essência”, seja da “escolha” no que diz respeito à auto-categorização sexual.

¹⁷Os ursos seriam homens gordos ou fortes, que realçam e valorizam características e/ou gestos que evocam masculinidade e virilidade, como barba e pêlos. Além dos já citados trabalhos de França, uma análise da operação de marcadores sociais de diferença em territórios de relações e trocas afetivo-sexuais definidos por “estilos” diferenciados está presente no artigo de Barros, Garcia, Passador, Thomaz e Silva (2006).

¹⁸O trabalho de campo foi de setembro de 2006 a fevereiro de 2008.

do cotidiano nos clubes quase finalizada. Apesar disso, posso dizer que mesmo as primeiras entrevistas, versaram, de maneira geral, sobre tópicos e temas bem próximos aos que estabeleci no roteiro aplicado naquelas mais recentes, bem como nas realizadas presencialmente, com gravador. Para além das informações sócio-demográficas que trouxe nas tabelas acima, perguntei-lhes acerca de suas trajetórias afetivo-sexuais, escolhas e preferências eróticas. Quis saber sobre suas representações a respeito de parceiros ideais para relacionamento estável e sexo casual. Indaguei sobre suas experiências sexuais em contextos diversos, especialmente sobre os LCES na cidade de São Paulo, buscando relatos sobre suas dinâmicas, seus sujeitos, suas práticas, hierarquias, convenções e segredos.

O perfil das pessoas entrevistadas é bastante heterogêneo quanto à classe, à raça, à escolaridade, à idade, às preferências eróticas e a uma série de outros fatores contextuais que implicam em maneiras diversas de “estar no mundo”. E isso reflete nas suas falas a respeito das experiências em clubes de sexo. O público que se vê nos clubes é também bastante variado. Mas certas características que observei indo a campo e que foram relatadas pelos entrevistados implicam determinados parâmetros para se começar a entender a composição desse público, ainda que em termos “ideais”. A começar pela faixa etária. O que observei (e boa parte dos entrevistados corroborou) é que, embora haja rapazes entre 18 e 24 anos ou homens com mais de 60 anos nos clubes, a maioria de seus frequentadores tem entre 25 e 50 anos, sendo bastante expressiva a presença de homens na faixa entre 30 e 40 anos. O sexo em grupo, nas mais diversas variantes, é a prática sexual mais apreciada. A masturbação em duplas ou grupos, bem como o sexo oral, são mais recorrentes do que o sexo penetrativo, embora esse também ocorra com frequência. A quantidade de “cenas de sexo” varia de acordo com o público, que muda em número conforme o clube, o dia da semana, o horário de funcionamento e o tema das festas.

[Quais você acha que são as diferenças entre os clubes de sexo e outros locais, como saunas?]

sim, a diferença está na ausência de toalhas e de locais para sexo a dois

[LAURO, 47 anos, São Paulo-SP]

O sexo é nos clubes praticado e percebido de uma maneira diferente do realizado em outros LCES, pois neles tudo é feito, a princípio, na frente dos demais – não há cabines ou portas, não há quartos totalmente escuros. Outra diferença é que nos clubes

não há toalhas, como nas saunas, nem roupas (com exceção do Station) – as pessoas circulam nesses locais de cueca ou nuas, apenas com chinelos ou calçados.

[Como você me descreveria a experiência de ir num clube de sexo?]
Descreveria como uma experiência divertida, excitante e perigosa...
[TOM, 41 anos, Rio de Janeiro-RJ/São Paulo-SP]

Apesar da variedade de cenas e de experiências narradas, pode-se dizer que para a maioria dos entrevistados a experiência de se ir aos clubes é percebida, em alguma medida, como “erótica”, no sentido que Georges Bataille (1987) dá ao termo erotismo – transgressão a determinados valores socialmente sancionados. A idéia geral é de que os clubes são espaços para práticas e experiências que não se tem em outros contextos e que de alguma maneira rompem com convenções culturalmente espreiadas de aceitabilidade e “normalidade” no que diz respeito ao sexo.

Todos os clubes contam com um bar relativamente bem iluminado, onde é possível sentar-se, tomar algo, conversar com os proprietários, funcionários ou mesmo entre si. Entretanto, nas salas destinadas ao sexo e à “caça”, o clima é de penumbra e o silêncio impera, sendo que os únicos sons percebidos vêm dos filmes nos televisores, das músicas nas caixas de som e, principalmente, dos gemidos e sussurros.

[Como é ir no Blackout? O que você sente quando vai lá?]
é uma forma de satisfação...eu gosto de ver as pessoas se excitando
(...)
[O que mais te chama a atenção lá?]
o que mais me chama atenção é a forma como o homem consegue fazer isso em "público" sem o menor constrangimento
[RÉGIS, 25 anos, São Paulo-SP]

A princípio, os clubes parecem proporcionar um uso de corpos e prazeres relativamente livre dos constrangimentos experienciados em outros locais. O fato de estar em um lugar fechado cujo mote é o sexo dá aos frequentadores uma sensação de segurança, como fica evidente nas falas que apontam a ausência, nos clubes, dos riscos associados ao sexo em locais públicos, ou mesmo do famigerado “carão” esnobe e excludente, tão presente em outros espaços, como por exemplo em boates GLS.

Alguns dos colaboradores de pesquisa retratam com estranheza, outros com descomedida excitação, mas o fato é que quase todos, ao relatar a experiência de se ir a um clube de sexo pela primeira vez, evocam o impacto de entrar num ambiente onde

homens diversos, *seminus* ou *nus*, circulam em busca de sexo com outros homens, ressaltando a rapidez, praticidade e facilidade de encontrar pessoas que, a princípio, estão ali com o mesmo objetivo.

4.

Contudo, conhecer os clubes de sexo mais de perto implica no reconhecimento de que essas experiências sexuais “à meia-luz” estão norteadas por marcadores de diferença diversos, que contextualmente implicam em desigualdades, hierarquizações e mesmo em exclusões. Neste artigo, vou me debruçar especialmente sobre os relatos coletados a respeito da experiência de se ir aos clubes de sexo, das narrativas sobre suas dinâmicas, convenções, posturas e gestos (des)valorizados, de como determinadas diferenças podem compor contextualmente hierarquias e desigualdades entre aqueles que os freqüentam. Espero que os dados que trago aqui auxiliem a corroborar meu argumento de que a interpretação antropológica das subjetividades inteligíveis e corporalidades desejáveis nesses locais demanda um olhar interseccional e contextual entre marcadores sociais de diferença diversos.

[e que tipo de cara te atrai nos clubes? o que um cara tem de ser, ou ter, para te chamar a atenção?]

apesar de haver muitas exceções, muitas delas com o qual eu conheci e transei...bonito de rosto, em primeiro lugar... másculo e uma atitude desencaçada, sem a frescura típica de bichas mal resolvidas

[hum...que mais?]

aí varia...corpo legal, o que curte fazer, o que eu quero fazer no dia

[PEDRO, 32 anos, Grande SP]

Em todos os clubes, há espaços específicos para o sexo, salas com camas coletivas, sofás e poltronas espalhadas onde homens em silêncio circulam buscando parceiros. Raramente se fica parado – eles andam por esses espaços atrás de outros corpos para tocar e se deixar tocar. A troca de olhares é fundamental, informando quando um flerte será ou não correspondido. Quando dois os mais juntam-se e iniciam uma cena (seja de penetração, de sexo oral, de masturbação), outros param ao seu lado. Algumas vezes, entram na cena. Outras vezes, apenas observam, enquanto se tocam, como *voyeurs*. Também é possível que, dali, outras duplas e grupos se formem, conformando outras cenas. A possibilidade de participar de uma cena, ou de ser seu mero espectador, é dada, muitas vezes, pela maneira como alguém é ou não inteligível

enquanto “desejável”. E essa “desejabilidade” é informada pela aparência, pelos atributos corporais e pela postura mais ou menos masculina.

No bar, nem sempre se “faz a linha de macho”. Não é raro observar alguns homens interagindo nesse espaço como se estivessem em outro local marcadamente GLS ou *gay*, como numa boate, conversando sobre assuntos variados, desde beleza e moda até música pop, ou dançando as músicas (muito parecidas com as das boates) sem que isso soe “fora de lugar”. Não que todos se comportem dessa maneira, mas aqueles que costumam agir assim em outros locais ou freqüentam ambientes GLS podem, no bar, preocupar-se um pouco menos em “não dar pinta” de *gay*. Já nas salas de sexo é diferente. É nelas que a hiper-masculinidade é performatizada, reiterada e também corporificada. O sujeito hiper-masculino de desejo é produzido discursivamente e atuado corporal e gestualmente nesses contextos, sendo essa hiper-masculinidade corporalizada, “*embodied*”, instituindo a partir daí modos particulares de relação social. Os sujeitos que participam efetivamente das cenas de sexo nesses clubes são aqueles inteligíveis dentro das reiteradas convenções que criam o sujeito de desejo “macho”, materializadas num corpo que além de masculino é atraente, desejável. Os demais são como *voyeurs* compulsórios, participam observando, como uma espécie de platéia. Além de masculino, é preciso ter uma gramática corporal inteligível enquanto desejável para não ser, nas cenas, um mero espectador. Resumindo: Marcadores de sexo, gênero, desejo e práticas sexuais, materializados em atos corporais, conformam uma subjetividade hiper-masculina entre esses homens, sobretudo nas suas salas de silêncio, suor e sexo.

A valorização do comportamento masculino, “não afeminado”, “não afetado” liga-se também a dinâmicas que não têm a ver diretamente com o desejo ou o “tesão”, mas com contextos de valorização da “discrição”. Tanto os proprietários ou responsáveis pelos clubes quanto seus freqüentadores me contaram diversas vezes em campo (e também nas entrevistas) que boa parte dos clientes desses estabelecimentos valoriza a discrição como possibilidade de anonimato, por diversos motivos. Alguns freqüentadores não “visibilizam” fora dali suas preferências erótico-sexuais. Outros são comprometidos, seja com mulheres, seja com outros homens. No segundo caso, haveria aqueles cuja relação é “aberta”, possibilitando relações sexuais com outras pessoas. Mas haveria aqueles cuja relação é “fechada”, o que significa que o acordo entre os parceiros implica, a princípio, na monogamia. Esses homens prezam locais “discretos” e buscam parceiros que, como eles, valorizem ou lhes garantam “discrição” e sigilo. Isso

contribui, para a desvalorização, nos clubes, daqueles que são “do meio” *gay*, “assumidos”, bem como daqueles considerados “afeminados” ou “afetados”.

Um cara másculo, se você encontrar na rua, provavelmente manterá a discrição um cara afeminado, ou completamente fora do armário, pode colocá-lo numa situação desagradável, entende?

(...)

o cara que é louca, assumidasso, está cagando e andando pra você

[Quer dizer que o público dos clubes prefere os mais másculos não só pelo tesão em si, mas porque os caras mais másculos geralmente não são assumidos e isso garante um certo sigilo? é isso?]

pode ser...Até, por exemplo, você pode sair de um clube desses com um cara másculo e ir num café, trocar uma idéia, sair na noite e as pessoas não desconfiariam...com uma BICHINHA você dá 2 passos e a galera já saca qual é.

[HUMBERTO, 38 anos, Itália]

Não é à toa que a festa de maior público do RG seja a *Mascarade*, que já chegou a juntar mais de 200 pessoas, ou que no Gladiators a Festa de Máscaras tenha o sugestivo nome de “*Incognitus*”. Ser masculino nesse contexto liga-se a ser “discreto”, que em determinadas situações e para algumas pessoas, implica em ser “fora do meio” (no caso, *GLS*).

Outra distinção presente nos clubes em termos de desejabilidade se dá no plano das práticas sexuais e fetiches considerados aceitáveis. Apesar de haver em todos eles um investimento em acessórios e elementos *s/m* ou *leather*, as práticas (como a penetração anal pelo punho – *fist-fucking*), o público (na sua grande maioria acima dos 40 anos) e as vestimentas (tais como coturnos e acessórios de couro, correntes, algemas) associadas a esses “estilos” e escolhas eróticas são pouco expressivas nos clubes, salvo quando há festas específicas voltadas para seus praticantes e entusiastas. E não costuma haver interação direta entre eles e os demais frequentadores. Os entrevistados que se afirmaram praticantes do *leather* afirmaram que nos clubes em geral não há espaço para eles, devido ao estranhamento que causam aos demais. Isso os leva a buscar outras redes, como a *internet*, e a realizar as práticas e *plays* de *s/m*, ao que tudo indica, em festas privadas em casas e apartamentos.¹⁹

¹⁹As exceções que pude observar são as noites *leather* realizadas mensalmente no Station há alguns anos, nas quais praticantes se encontram no bar, devidamente vestidos com roupas e acessórios de couro, para animadas conversas e trocas de experiências. Porém, nesses encontros costumam ir poucos adeptos – a maioria das pessoas são os frequentadores usuais do clube, que não estão ali pelo encontro *leather*. Outras exceções são as festas de aniversário de um dos expoentes do *leather*, que em 2006 foi realizada no RG e, em 2007, no Blackout. Somente nessas festas pude ver a presença maior de *leathers* nos clubes, além de ter presenciado algumas *plays* de *s/m* por eles performadas.

[sobre o Station] mas quem vai normalmente mora perto, tem nível
[entendi...]
isso acaba selecionando o público, acho que sim
[como são os caras que vão lá, na sua opinião?]
pode dar umas bichinhas...mas “baianada” não rola
[baianada seria o que?]
pessoal mais pobre, da periferia...termo preconceituoso hehehe
[ah, entendi...]
acho que em sampa isso é muito dividido. Dentro do mundo gay, as classes
sociais...
[é por isso que você vai lá?]
vou poucas vezes, porque é discreto, barato e perto...e porque se você tiver afim
de transar, é alta a probabilidade de rolar.
[entendi...]
[CARLOS, 34 anos, São Paulo-SP]

Nesse registro das diferenças que podem compor hierarquizações, cabe mencionar a localização dos clubes de sexo nos diferentes circuitos da cidade. Os clubes do Centro freqüentemente apareceram nas conversas como lugares “decadentes”, sujos, mal freqüentados. Um dos motivos apontados é que neles não haveria “gente bonita” ou “que se cuida”. Muitos me disseram que neles não encontram um público “desejável”, mas apenas “gente velha”, “feia”, “desinteressante”.

[e como eu poderia definir a diferença entre os públicos?]
RG: as pessoas têm um nível sócio-cultural melhor e cuidam do corpo...no
Blackout há pessoas que não cuidam do corpo em geral e apresentam um nível
mais baixo
[PEDRO, 32 anos, Grande SP]

as pessoas do gladiators são bem mais bonitas
[mais bonitas...porque você acha isso? em que sentido?]
me parecem mais cuidadas fisicamente e na aparência, roupas
(...)
não sei bem, mas acho que são mais parecidos comigo e o meu meio
[NESTOR, 55 anos, São Paulo-SP]

Os homens “desejáveis” ou “iguais a eles próprios” estariam, para alguns entrevistados, nos clubes que estão fora do Centro da cidade, que por cobrar preços de entrada mais elevados acabariam “selecionando o público pelo preço”. Não é banal que os clubes localizados na região central, com preços de entrada mais acessíveis, sejam

tomados como “decadentes”. A polarização entre os clubes a partir da região da cidade onde estão localizados (ou do circuito GLS a que estão associados) e as representações acerca das diferenças entre o público que os frequenta ajudam a entender certas distinções no mapa de hierarquizações contextuais que venho tentando perceber a respeito desses espaços e de seus sujeitos.

A grande maioria dos clientes dos clubes é “branca”, embora o número de frequentadores “pretos” ou “pardos”²⁰ seja maior nos clubes localizados no circuito Centro. A relação entre “classe” e “raça/cor” aparece quando se observa que quanto mais “elitizado” o local (seja quanto à localização, seja quanto ao preço), mais evidente a presença de homens “brancos” e ausência de “pretos” ou “pardos”.

A associação entre raça/cor negra e virilidade não é novidade em análises das ciências sociais e surge, por exemplo, em estudos de contextos de trocas sexuais entre homens na vida noturna de grandes cidades (ver, por exemplo, Perlongher, 1987; Moutinho, 2006).²¹ Perlongher (1987) já trazia, em sua bela etnografia sobre prostituição viril na São Paulo do início dos anos 80, a associação discursiva entre raça, classe e virilidade, performatizada por michês pobres e negros moradores de periferia, que realçavam atributos corporais e gestuais como tática de valorização nesse mercado. Algumas falas de entrevistados realçam essa associação entre raça/cor e virilidade/masculinidade. Ela aparece na fala de um deles, que se disse afro-bege, embora comentando sobre saunas e não sobre clubes de sexo em si.

Tenho percebido que ajuda às vezes [ser mulato], muitos associam com pau grande
[você acha que rola um certo fetiche, assim?]
Ah...lembrei de cantadas...sim, puro fetiche, aí não acho que seja pela pessoa que sou e sim pelo que eles idealizam em mim
[que outras idealizações fazem de você em função de ser mulato?]
na verdade sou bundudo e bocudo...me referindo às cantadas, ao que eles realmente vêm e isso vai de encontro ao fetiche, agora o que eles idealizam é o tamanho... imaginam...ser fogoso,talvez...ser másculo...ser ativo, talvez, pois se "sou" mulato, tenho pau grande, se tenho pau grande, sou ativo, se sou ativo, fodo horrores e se fodo horrores posso satisfazê-lo... acho que é isso que rola na cabeça, no subconsciente
[JONAS, 32 anos, São Paulo-SP]

²⁰ Apesar de serem questionáveis, utilizo aqui as categorias do IBGE para facilitar a exposição.

²¹ Interessante como essa associação entre raça/cor negra e certas estereótipas de atributos corporais (como pênis avantajados) aparece também em outros contextos, como entre clientes de travestis que se prostituem em São Paulo (Pelúcio, 2007).

Um outro colaborador de pesquisa, que se disse mulato, contou irritado que deixou de ir em clubes de sexo por estar cansado de ser abordado, neles, como se fosse um garoto de programa – seja pelos demais frequentadores, seja (o que parece sido a gota d'água), pelos funcionários de um dos clubes.

Sou procurado por causa dela [da sua cor]...ocorre que não sou puto de programa [os caras curtem, então]
Demais, principalmente os branquinhos, loiros, gringos [como assim puto de programa?]
[tem gente que acha que você é?]
a maioria não acha...tem certeza! Hehe...muitos já me abordam com \$\$\$...porque tu não pode ser preto, macho e ser gay...aí todos desconfiam que tu seja puto [JORGE, 27 anos, São Paulo-SP]

O interessante então é perceber como marcadores de classe, raça, gênero e idade estão totalmente imbricados na constituição discursiva da inteligibilidade dos sujeitos e da desejabilidade dos corpos nos clubes de sexo para homens. E não há como tratá-los separadamente e nem hierarquizá-los, quando se trata de interpretar antropologicamente tais processos. O argumento a seguir vai nessa linha, tentando mostrar que mesmo o entendimento do que é considerado transgressivo/erótico nos clubes implica num olhar interseccional entre marcadores de diferença diversos.

5.

Bataille (1987) sugere, apropriando-se de Sade, que o erotismo deve ser pensado como transgressão às convenções sociais, e essa concepção perpassa boa parte da literatura existente sobre o tema. Gregori (2004) salienta que ela é recortada pelo posicionamento da relação masculino/feminino a partir de uma díade entre ativo e passivo, sendo ainda limitado o exame dos efeitos dessa tradição no que concerne à problemática de gênero²². Em Bataille, o gênero aparece fixo e cristalizado, ligado ao dimorfismo sexual e à associação entre sexo/gênero e posições sexuais²³. O corpo “violado”, passivo, é “feminino”, oposto ao “masculino”, ativo, “violador” – o que penetra.²⁴

²²Para uma análise da apropriação de Sade por Bataille, ver Gallop (1981).

²³Ao falar em homem/atividade e mulher/passividade, Bataille essencializa as diferenças biológicas como se delas derivassem outras diferenças, em termos sociais.

²⁴Vale salientar que essas idéias presentes em Bataille não aparecem no próprio Sade. A esse respeito, ver Carter (1978).

A partir das minhas observações de campo e das conversas e entrevistas estabelecidas com meus colaboradores de pesquisa, dificilmente afirmaria que há uma vinculação necessária entre penetrar e ser “masculino”, ou entre ser penetrado e ser “feminino” nos clubes de sexo. Em alguns momentos percebi uma maior valorização da “atividade” em detrimento da “passividade” – por exemplo, reclamações ou comentários de que há mais “passivos” do que “ativos” nos clubes. Em tom de deboche, os primeiros algumas vezes foram nomeados no feminino, como “passivas”, ou “passivas de plantão”. Apesar disso, são bem mais recorrentes falas a respeito da expectativa de que todos se comportem enquanto “másculos” nas cenas dos clubes, independente de estarem penetrando ou sendo penetrados. E nenhum dos colaboradores de pesquisa concordou que ser “passivo”, ou “penetrado”, implica em “afeminação” ou “feminização”. Isso leva a pensar que há, nesse contexto, um espraiamento do modelo “igualitário-moderno” proposto por Peter Fry (1982), a partir do qual a posição assumida no sexo penetrativo não hierarquiza necessariamente os parceiros em termos de gênero (ver também Guimarães, 2004; Perlongher, 1987). Minha sugestão é que práticas e posições sexuais, “atividade” e “passividade”, sejam tomadas aqui (junto com outros marcadores) como informando posicionalidades a partir das quais o deslocamento de convenções (o erótico) é contextualmente possível. Mas que esses processos não estejam atrelados a concepções reducionistas e simplificadoras que os limitam às inteligibilidades de uma heterossexualidade presumida.

Apesar das críticas que podem ser feitas à concepção proposta por Bataille, Gregori tem salientado em seus trabalhos o quanto o entendimento do erotismo enquanto transgressão a determinadas convenções pode ser analiticamente interessante e rentável para se pensar antropologicamente acerca dos erotismos contemporâneos e também dos próprios limites da sexualidade, desde que se entenda esses processos de maneira contextual (Gregori, 2003; 2004; 2007). A autora tem seguido, nesse sentido, as análises de McClintock (1994, 2003) e de Hart (1998) sobre o sadomasoquismo, no registro dos exercícios simbólicos mobilizados em tais práticas. Para ambas autoras, o sadomasoquismo lida com conteúdos e inscrições presentes nas relações entre a sexualidade e assimetrias sociais diversas.

Tais análises podem inspirar o entendimento de como contextualmente operam os marcadores de diferença nos clubes de sexo.

[E de onde você acha que vem essa coisa de ser passivo para caras maiores que você, ou ser ativo com menores?]
Não sei...Alguma fantasia de dominação.
[hum...entendi]
porque por exemplo...o cara pode ser um pouco menos forte que eu...mas se for mais alto eu curto ser passivo
(...)
acho que um fetiche já seria o cara ser negro e dotado...eu sou um cara branco de classe média alta...já é algo que pode ser considerado diferente do meu universo
[o cara ser negro e dotado?]
É...na verdade é uma dominação invertida...porque o cara serve pra transar...mas talvez não sirva pra namorar...risos
[CARLOS, 34 anos, São Paulo-SP]

Meu argumento aqui é que resgatar uma dimensão “produtiva” do erotismo requer desconstruir sua noção substancializada dentro da matriz heterossexual²⁵, possibilitando que se pense o erótico enquanto transgressão contextual de posicionalidades de sujeito informadas por marcadores de gênero²⁶, idade, classe e raça.

Concluo este artigo sugerindo, portanto, que marcadores sociais de diferença informam não apenas a constituição discursiva dos sujeitos e a inscrição das corporalidades inteligíveis e desejáveis nos clubes de sexo, mas também, em algumas circunstâncias, podem ser elementos a partir dos quais são criadas possibilidades de transgressão erótica, de deslocamento de convenções criadas a partir de arranjos diversos entre esses mesmos marcadores. E que a interpretação antropológica desses processos precisa ser produzida em conformidade ao modo como são experienciados, isto é, de uma maneira contextual, localizada, não estanque, não engessante, não simplificada, plural e fluida.

²⁵Para uma caracterização teórica sobre a matriz heterossexual, consultar Butler (2003). Para a autora, “a coerência ou a unidade internas de qualquer dos gêneros, homem ou mulher, exigem (...) uma heterossexualidade estável e oposicional (...) Essa concepção do gênero não só pressupõe uma relação causal entre sexo, gênero e desejo, mas sugere igualmente que o desejo reflete ou exprime o gênero, e que o gênero reflete ou exprime o desejo” (Butler, 2003: p. 45).

²⁶“Gêneros “inteligíveis” são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual” (Butler, 2003: p. 38).

Bibliografia

- AUGUSTÍN, Laura M. Trabajar em la industria del sexo. In: OFRIM/Suplementos, junho. Madrid: 2000, PP. 155-72 (retirado de http://www.nodo50.org/mujeresred/laura_agustin-1.html).
- BARROS, N.; GARCIA, S. M.; PASSADOR, L. H.; SILVA, L.; ; THOMAZ, O. R.;. “Territórios e estilos: articulações entre gênero, “raça”/cor, classe e orientação sexual entre populações GLBTT na cidade de São Paulo”, Comunicação apresentada no VII Seminário Internacional Fazendo Gênero, Florianópolis: 2006.
- BATAILLE, Georges. *O Erotismo*, Porto Alegre: L&PM Editores, 1987.
- BRAH, Avtar. Diferença, Diversidade, Diferenciação. In: *cadernos pagu* (26), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2006.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. Macho versus Macho um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. In: *cadernos pagu* (28), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2007A, p. 175-206.
- _____. Nem Toda Nudez Será Castigada - sexo, fetiche e s/m entre homens em São Paulo. In: *Ponto.Urbe* (01), Núcleo de Antropologia Urbana (NAU)/USP, 2007B (disponível em <http://www.n-a-u.org/Albuquerque2007.html>).
- _____. Corpo a Corpo: notas sobre uma etnografia imprópria, In: *Revista Artêmis* (07), João Pessoa: UFPB, dezembro/2007C (disponível em http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero7/artigos/artigo_13.pdf).
- BUTLER, Judith, *Cuerpos que importan – Sobre os límites materiales y discursivos del “sexo”*, Buenos Aires/Barcelona, México: Paidós, 2002.
- _____. *Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith e RUBIN, Gayle, “Tráfico sexual – entrevista (Gayle Rubin com Judith Butler)”, in: *Cadernos Pagu* (21), Campinas: Unicamp, 2003, pp. 157-209.
- CARRARA, Sérgio. Só os viris e discretos serão amados? Folha de São Paulo – Caderno Mais, São Paulo, 19 jun., 2005.
- CARRARA, Sérgio e SIMÕES, Júlio. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. In: *cadernos pagu* (28), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2007, p. 65-99.
- CARTER, Angela. *The Sadeian Woman – and the ideology of pornography*. New York, Pantheon Books, 1978.

- CITELI, Maria Teresa. A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002): revisão crítica. Rio de Janeiro, CEPESC, 2005.
- DOUGLAS, Mary, *Pureza e Perigo*, São Paulo: Perspectivas, 1976.
- FACCHINI, Regina. Entrecruzando diferenças: corporalidade e identidade entre mulheres com práticas homoeróticas na Grande São Paulo. Comunicação apresentada na 25ª. RBA – Reunião Brasileira de Antropologia, Goiânia, 2006.
- FRANÇA, Isadora Lins. Cercas e pontes. O movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado, Antropologia Social, São Paulo: USP, 2006.
- _____. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. In: *cadernos pagu* (28), Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp, 2007.
- FRANÇA, Isadora Lins e SIMÕES, Júlio. Do Gueto ao mercado. In: Green, James; Trindade, Ronaldo. (orgs.) *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo, Editora Unesp, 2005.
- FRY, Peter. Da Hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: *Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- GALLOP, Jane. Friendship, a small number of exceptions: Bataille on Sade. *Intersections – a reading of Sade with Bataille, Blanchot and Klossowski*. London, University of Nebraska Press, 1981.
- GREEN, James e TRINDADE, Ronaldo. “São Paulo anos 50: a vida acadêmica e os amores masculinos”. In: *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2005.
- GREGORI, Maria Filomena. Relações de violência e erotismo. In: *Cadernos Pagu* (20), Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp, 2003.
- _____. “Prazer e Perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e s/m”, in: Piscitelli, Adriana; Gregori, Maria Filomena; Carrara, Sérgio (orgs.), *Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras*, Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- _____. “Mercado Contemporâneo de Bens Eróticos: apontamentos etnográficos e notas sobre gênero e práticas sexuais”, Comunicação apresentada no Seminário Temático 28 (Sexualidade e Ciências Sociais), no 31º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, 2007.
- GUIMARÃES, Carmem Dora. *O Homossexual Visto por Entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

- HART, Lynda. *Between the Body and the Flesh – Performing Sodomasochism*. New York: Columbia University Press, 1998.
- KRISTEVA, Julia. From Filth to Defilement. In: *Powers of Horror – an essay on abjection*. New York: Columbia University Press, 1982.
- MACCLINTOCK, Anne. Couro Imperial – Raça, travestismo e o culto da domesticidade. *cadernos pagu* (20), Núcleo de Estudos de Gênero – Campinas: Pagu/Unicamp, 2003.
- _____. Maid to Order – Commercial S/M and gender power. In: Gibson, Pamela; Gibson, Roma. *Dirty Looks – Women, pornography, power*. London: BFI Publishing, 1994.
- MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: Green, J. e Trindade, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2005.
- MAGNANI, José G. C. e TORRES, Lilian. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000.
- MOORE, Henrietta, *Antropologia y Feminismo*, Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.
- MOUTINHO, Laura. “Negociando com a Adversidade: reflexões sobre “raça”, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro”, in: *Revista Estudos Feministas* 14(1), Florianópolis: janeiro-abril, 2006.
- PARREIRAS, Carolina. Sexualidades.com: uma análise das relações interpessoais em comunidades virtuais. Pôster apresentado no 31º Encontro Anual da Anpocs. Caxambu, 2007 (Retirado de http://201.48.149.89/anpocs/arquivos/10_10_2007_14_46_15.pdf).
- PELÚCIO, Larissa. *Nos Nervos, Na Carne, Na Pele – uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids*, Tese de Doutorado, Ciências Sociais, São Carlos: UFSCAR, 2007.
- PERLONGHER, Nestor. *O Negócio do Michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. Territórios Marginais. In: Green, J. e Trindade, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2005.
- PISCITELLI, Adriana. “Comentário”, in: *Cadernos Pagu* (21), Campinas: Unicamp, 2003, pp. 211-218.
- RUBIN, Gayle. “The Catacombs: A temple of the butthole”, in: Thompson, Mark (ed.), *Leather-Folk: radical sex, people, politics and practice*, Boston: Alyson Publications, 1991.

- SANTOS, Élcio Nogueira dos. “Entre Amores e Vapores: as representações das masculinidades inscritas nos corpos nas saunas de michês”, Comunicação apresentada no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, Recife: 2007.
- SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade Masculina e Curso da Vida: pensando idades e identidades sexuais. Piscitelli *et alii.* (orgs.) *Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004.
- SÍVORI, Horácio. “A identidade homossexual como regime de vida e suas éticas menores”, Comunicação apresentada no *30º Encontro Anual da Anpocs*, Caxambu: 2006.
- VIANNA, Adriana & LACERDA, Paula, *Direitos e Políticas Sexuais no Brasil: mapeamento e diagnóstico*, Rio de Janeiro: CEPESC, 2004.
- VILLAAMIL, Fernando e RUBIO, María Isabel Jociles. *Los Locales de Sexo Anónimo como Instituciones Sociales: Discursos y prácticas ante La prevención y el sexo más seguro entre HSH*. Informe ejecutivo. Madrid: COGAM-Fundación Triángulo-Universidad Complutense de Madrid, 2006.
- ZILLI, Bruno Dallacort. O Perverso Domesticado: da patologia à diversidade sexual num estudo sobre o discurso “BDSM” na internet. Comunicação no *30º Encontro Anual da Anpocs*, Caxambu: 2006.